

**Desprezando a riqueza aproveitando as respostas:
Diálogos entre cidade, território e cultura**

**Despreciar la riqueza aprovechando las respuestas:
Diálogos entre ciudad, territorio y cultura**

**Disdaining the wealth taking advantage of the answers:
Dialogues between city, territory and culture**

José Maurício Saldanha Alvarez¹

Palavras chave:

Cultural Turn

Globalização

Barcelona

Cultura

Território

Resumo:

Este artigo analisa a cidade contemporânea e as transformações territoriais e espaciais que sofreu desde os anos 1960 até a atualidade, quando, desde o *cultural turn* e os debates subsequentes sobre a crise da cidade, passaram a vivenciar as experiências ligadas ao *city marketing* e a reordenação dos seus espaços, desde a modelagem de projetos bem sucedidos nos Estados Unidos e na Europa com o fenômeno Barcelona. A reavaliação conceitual e operativa da cidade desde a globalização, quando ela se torna um fenômeno mundial, e os debates travados entre os projetos do poder e empresariais e as utopias dos segmentos menos favorecidos. O papel cultural da cidade e suas estratégias de representação, bem como o território como suporte para a identidade.

Resumen:

Este artículo analiza la ciudad contemporánea y las transformaciones territoriales y espaciales que ha sufrido desde la década de 1960 hasta hoy, cuando, desde el cultural turn y los debates posteriores sobre la crisis de la ciudad, empezaron a vivenciar las experiencias relacionadas al city marketing y la reordenación de los espacios, desde el modelado de proyectos exitosos en los Estados Unidos y Europa con el fenómeno Barcelona. La revaluación conceptual y operativa de la ciudad desde la globalización, cuando se convierte en un fenómeno mundial, y los debates entre los proyectos del poder y empresariales y las utopías de los segmentos menos favorecidos. El papel cultural de la ciudad y sus estrategias de representación, así como también el territorio como soporte para la identidad.

Palabras clave:

Cultural Turn

Globalización

Barcelona

Cultura

Territorio

Keywords:

Cultural Turn

Globalization

Barcelona

Culture

Territory

Abstract:

This article examines the contemporary city and the territorial and spatial transformations it has undergone since the 1960s until today, when, since the cultural turn and the subsequent debates on the crisis of the city, started living experiences related to city marketing and the reordering of its spaces, since the modeling of successful projects in the United States and Europe with the Barcelona phenomenon. The conceptual and operative reassessment of the city since the globalization, when it becomes a worldwide phenomenon, and the debates between the public power and business projects and the utopias of the less privileged segments. The cultural role of the city and its strategies of representation, as well as the territory as a support for identity.

Desprezando a riqueza aproveitando as respostas: Diálogos entre cidade, território e cultura

“De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá as nossas perguntas.”

Ítalo Calvino²

1. Cidade e cultura à uma escala planetária

Este artigo é uma maneira de pensar em voz alta e indagar colocando numa dada ordem as leituras e questões destinadas a organizar um curso novo. Assim sendo, tal texto não é nem pode ser conclusivo, pelo contrário, é dispersivo e até certo ponto, frívolo. Apesar de tudo trata-se de um esforço destinado a lidar com paradoxos e perplexidades de um professor diante das transformações aceleradas da contemporaneidade. De ter um cuidado enorme com as palavras que se desvalorizam diante da inflação teórica. Resumindo: é antes de tudo, um artigo sobre cidade, sobre cultura, produção cultural, eventos e território. Assim sendo começemos com o estado da cidade.

Desde o final do século XX e primeira década do século XXI elas vivenciaram uma profunda transformação histórica, estrutural, cultural, econômica, social e territorial. Esse conjunto de alterações foi impulsionado pelas mudanças estruturais da economia mundial e pela revolução das tecnologias informacionais e digitais organizadas à volta de centros nodais: as cidades (CASTELLS, 2005, p. 469). As funções urbanas consagradas na longa duração passaram a abranger desta vez uma escala planetária e cada vez mais problemática. Como assinala Bauman, as cidades se transformaram em “depósitos de problemas causados pela globalização” (BAUMAN, 2009, p.32).

Quando este processo deu seus primeiros passos nas décadas subsequentes aos anos 1960, as cidades viviam um viés de estrangulamento, causado, em parte, pelo enorme passivo herdado da modernidade. Ele era representado por fábricas obsoletas, poluição, portos inoperantes, desemprego e perda das experiências sociais, desastres ambientais, debilitação do Estado nacional. Mesmo assim, a urbanização se encaminhava para tornar-se hegemônica como modo de vida, atingindo uma extensão inédita na história do homem. Tornaram-se exponenciais megalópoles como o Cairo, Nova Iorque, Tóquio, as cidades do México e Shenzhen, República Popular da China, cujas populações orçando os 20, 30 ou 40 milhões de habitantes, levam a experiência urbana a um limite sem precedentes (CASTELLS, 2005, p 483).

Além do mais, a cidade foi tensionada entre as pressões mediadas entre o local e o global, que assinala as prerrogativas de uma nova territorialidade; capitaneando regiões de industrialização recente, onde os núcleos urbanos se conurbando resultavam em megacidades. Se as revoluções informacional e digital determinam novas funções para a cidade, ela, como mecanismo coletivo, como sujeito composto por forças antagônicas, se tornou um elemento determinante nessa nova configuração territorial. Ela não mais se baseia na antiga antinomia assimétrica entre campo *versus* cidade. O processo se encarregou de gerar novas. A cidade é vórtice, farol, Meca, polo de atração, ponto de amarração, tábuas de salvação para os naufragos da modernidade agrícola e do agronegócio.

Assim sendo, o relatório *State of World Population 2007 - unleashing the potential of urban growth*, divulgado pelo Fundo da População da ONU (UNFPA), sugere que a urbanização é um dos mais importantes processos contemporâneos. Ele se destina a solucionar o grande óbice causado pela pauperização que empurra os po-

bres rurais para as cidades. Na atualidade, ressaltando a bipartição local X global do problema, as cifras e dados sugerem em seus cristais o predomínio incontestado e soberano do urbano no século XXI.

Embora reconheça que 1 bilhão de pessoas vive em favelas, 90% das quais nos países ditos em desenvolvimento, acha o UNFPA que a tendência de urbanização “é irreversível e não deve ser combatida”. Na Ásia, o atual 1,36 bilhão de pessoas chegará a 2,64 bilhões em 2030; na África, elas passarão a 742 milhões; na América Latina e no Caribe, aumentarão de 394 milhões para 609 milhões - e nesse movimento a cada semana cresce em 1 milhão de pessoas a população favelada na Ásia e África. No Brasil, 84% da população já estariam nas cidades e chegará a 90% em 2030. (O Globo, 28/06/82012)

Nos anos 1960, as cidades viam o processo moderno encerrar a longa era da produção industrial dos séculos XIX e XX. Assistiam ao esgotamento das fórmulas fordista e taylorista. O emperramento do paradigma da gestão municipal herdadas do XIX bem como as políticas urbanas modernistas, todas superadas pelos reptos colocados em campo pela globalização e pelo avanço da democracia inclusiva. Assinala-se então a irrupção nos Estados Unidos da América de um conjunto de debates e fóruns, alguns formais e outros não. Era o *cultural turn*, cujos debates contavam com a presença de intelectuais tecnocratas provenientes de prestigiosas escolas como Harvard (ARANTES; VAINER; MARICATO, 2000, p.16). Estes cavalheiros consideravam que administrar uma cidade deveria pautar-se pelo molde gerencial de uma empresa. Nesses debates foi alavancado o brado: tudo é cultura! Cada vez mais as artes e a cultura se tornaram vetores essenciais e mesmo inquestionáveis para os projetos de renovação urbana como observa Joan Ganau (2007, p.3).

No entanto, segundo a análise de Otília Arantes, o *cultural turn* e os principais atores oriundos do *Cultural Studies*, se deram conta da potência que poderia sustentar uma economia alicerçada na cultura, resultando em múltiplos circuitos. Se para a *New Left*, a lógica do alto capitalismo passava pela cultura, para um pensador como Daniel Bell estava solto nas ruas um inimigo sob a forma de um adversário cultural (BELL, 1978, p. 43). Essa modelagem empurrou a questão do território para uma arena aonde as diretrizes que sustentavam seu debate em muitos casos, embora não exclusivamente, eram constituídos por matrizes norte-americanas, aliás, consagradas nacional e internacionalmente por muitos projetos bem sucedidos como em Baltimore e Philadelphia (GANAU, 2007, p.4). Nas décadas seguintes a contribuição europeia entrará em cena de maneira espetacular graças ao êxito da cidade de Barcelona em se revitalizar.

Como veremos no tópico final, a cultura adquiriu uma capacidade sem precedentes de desempenho que estimulou o poder, o terceiro setor e as próprias populações a combaterem ativamente por sua implantação. A justificar investimentos maciços em sua área. A cultura e as artes não só estimulavam um intenso debate identitário, mas permitiam uma enorme fruição de massa. Permitiam ainda revestir-se de enorme valor pecuniário e de fetiche as áreas degradadas das cidades. Um ministro da cultura francês unirá o desejo com a vontade de comer declarando enfaticamente: o “nosso petróleo é a cultura”. O Rio de Janeiro, lutando para que não se rompa o pacto federativo e o petróleo contratado não seja apropriado por políticos de outros estados, sediará dois mega eventos nos próximos anos. Estes eventos são sinalizados como essenciais para a recuperação da cidade e consolidação de sua autoestima. Acreditamos, porém, que estes mega eventos devem ser apenas o início da reflexão e da produção de elenco

de celebrações baseadas na história e na cultura da população do Rio, num processo constante de produção e consumo cultural.

2. A globalização, cidade, planos estratégicas

Em 1973 o mundo ingressava numa era de grande convulsão no curso do encerramento dos 30 anos gloriosos de uma conjuntura de crescimento mundial ininterrupto denominada de *The Golden years* (HOBSBAWM, 1999, p. 255). Desde o término da Segunda Guerra Mundial, o capitalismo sofreu transformações, a perda do padrão ouro após o colapso de Bretton Woods, o choque do petróleo de 1973, e a década perdida de 1980 (ARRIGHI, 2000, p.309-311). No mundo inteiro, as cidades foram ameaçadas pelo futuro que se apresentava inquietante. Viam-se assoladas pelo desemprego, pela retração das ações econômicas e pela perda das ações sociais, e pela desarticulação dos aparatos governativos. Como agravante, a obsolescência dos grandes complexos industriais falidos e fechados refletiu-se nelas, criando espaços vazios e silenciosos degradando ainda mais o ambiente. Esse processo assumiu proporções dramáticas na Europa e nos Estados Unidos, pois transformou a próspera Detroit, a célebre e autoconfiante “motor city”, numa lúgubre cidade fantasma insolvente, com dezenas de fábricas fechadas, abandonada por milhares de moradores (BOYLE, 2001). Cidades portuárias como Baltimore viam seu porto transferir-se para longe do centro onde se localizavam, dando início à recuperação do seu Waterfront num projeto muito bem sucedido e que parece estar na raiz do projeto bonaerense de Puerto Madero (MILLSPAUGH, 2001, p. 74-75). Na Inglaterra, a desindustrialização neoliberal da Era Thatcher produziu, igualmente, uma nova pobreza, abalando o que Hall denominou de “a velha classe de trabalhadores e suas formações culturais” (HALL, 2006, p. XVII).

Saskia Sassen, a prestigiosa analista do fenômeno das cidades globais, considera que a nova economia mundial se articulava em torno de cidades que, globais ou não, dependeriam cada vez mais de seus bens e serviços culturais para sobreviver no processo globalizado (SASSEN, 2001, p. 102). Se por um lado, a cidade na economia global e informacional se integrou a redes mundiais, por outro, comportava a reestruturação da cidade e da sociedade em caráter local (BORJA; CASTELLS, 2001, p. 33). Nesse recorte, devemos ainda levar em conta, segundo Milton Santos (1926-2001), o momento peculiar em que além da cidade ter se aproximado do global, também:

a economia se tornou mundializada, adotando um único modelo técnico, a natureza se viu unificada. Suas diversas frações são postas ao alcance dos mais diversos capitais, que as individualizam, hierarquizando-as segundo lógicas com escalas diversas. A uma escala mundial corresponde uma lógica mundial que, nesse nível, guia os investimentos, a circulação de riquezas, a distribuição de mercadorias (SANTOS, 2006, p.4).

A globalização empurrou o Estado-nação para um esvaziamento progressivo, redundando na aprovação de desregulamentações e na crescente vaga de desemprego de trabalhadores em larga escala (HOBSBAWM, 1999, p. 404). A globalização foi impulsionada pelas decisões emanadas do “consenso de Washington”, o surgimento de um mercado global de capitais, o enfraquecimento do estado, a desregulamentação e a privatização (CASTELLS, 2000, p.53). Incrementando as relações de impessoalidade e de resultados obtidos a todo custo, resultaram em desemprego, expulsões e passou a desprezar abertamente as experiências sociais acumuladas desde a eclosão da dupla revolução (HOBSBAWM, 1999, p.286). Para

Ultramar e Duarte, cidades globais seriam aquelas que, como assinalou Sassen, integram os fluxos e os nós dominantes na escala da produção contemporânea. Elas são dotadas de elementos que as tornam indispensáveis para o processo.³ No entanto todas as demais cidades, grandes ou pequenas sem exceção, se tornam “globalizadas”. E os autores explicam que elas “na Globalização abrangem, virtualmente, todas as cidades, não importando sua dimensão, ou mesmo a importância ou fragilidade de sua base econômica” (ULTRAMARI; DUARTE, 2007, p. 2).

No entanto, algumas delas, citadas por Sassen como peças chave na engrenagem que desencadeou a globalização, Nova York, Londres, Tóquio, possuíam um acelerador (SASSEN, 2001, p. 172). Nelas, elementos chaves do plano renovador encontravam-se em andamento o que levou as outras a aspirarem, por meio de seus atores e gestores, aplicar o projeto de renovação urbana, assegurando sua inserção no mundo por meio da competição⁴. Essas soluções se tornam um poderoso agente de ordenação territorial e de reconfiguração de suas esferas de produção, privilegiando a beleza de suas antigas construções e velhos logradouros. Planos bem sucedidos reformaram os *water fronts* e áreas industriais degradadas de Filadélfia, Baltimore e Boston nos EUA (GANAU, 2007). Londres e o espetacular processo de Barcelona e, em menor escala de Bilbao na Europa⁵. Mas não apenas estas! Devemos listar um interminável rol de cidades europeias e mundiais onde se recupera sua história e sua identidade ou mantendo ou fabricando celebrações. A capital da febricitante Coreia, tigre capitalista da Ásia foi recentemente laureada pela UNESCO e outras organizações por seu bem sucedido empenho em recuperar sua identidade nacional através do seu passado material. A recuperação de monumentos antigos e sua integração nas malhas moderna da cidade permitiu inclusive iluminar o próprio urbanismo coreano tradicional.

Ou como escreveu Sharon Hong: “once hidden in the Rubble of the frantic modernization”, cujo resultado é “a complex and hybrid landscape, where, “modernism” and “tradition” find harmony instead of being in opposition”(HONG, 2013, p. 28).

No entanto o êxito discutível de alguns dos resultados desses planos demonstra a fragilidade da equação, pois a presença de setores populares no debate era imprescindível. Os planos estratégicos incluem uma ampla campanha de convencimento da população e da opinião pública, destinada a dar suporte às mudanças necessárias. A necessidade de tornar a cidade mais segura e ordenada para atrair investimentos internacionais, leva à produção de campanhas publicitárias. Nelas as relações como o imaginário são ressaltadas, ao mesmo tempo em que se recupera espaços patrimoniais no sentido de embelezar a cidade e inseri-la na normatização modelar do *city-marketing*. Nesse sentido, o *city-marketing* desenvolvido com sentido nos eventos que se espera que a cidade sedie, como ao Campeonato Mundial de Futebol em 2014, e as Olimpíadas de 2016 promove a cidade do Rio de Janeiro e a espetaculariza ao mesmo tempo em que institui o debate, ou o campo de batalha entre os diversos setores desde o sistemas de transporte até os grupos imobiliários, que veem na cidade cada vez mais um atraente mercadoria⁶.

Giulio Carlo Argan afirma que o valor estético de uma cidade está vinculado a seu valor como espaço visual. Nela, as artes como sistemas simbólicos e de representação dispõem do ambiente ideal para cumprir suas funções (ARGAN, 1998, p. 231). Podemos então considerar a cidade como uma obra de arte coletiva e aberta, edificada com planejamento ou sem ele, catalisando os sentimentos organizacionais do espaço, do território que transformasse o imaginário na solidez dos objetos e serem, como afirma Nora, ser

à base da memória que só se enraizar no concreto. Por outro lado, ainda para o ex-prefeito de Roma, não admira que as nossas noções de espaço e tempo sejam tão alicerçadas pela cidade já que vivemos nela a maior parte de nossas existências (ARGAN, 1998, p. 232). Corroborando este ponto de vista, alguns pensadores asseguram que nove décimos da existência de um indivíduo decorrem na cidade. Assim sendo, as imagens resultantes, sejam visuais, auditivas ou olfativas, se enraízam fortemente em nossas memórias. Portanto, memória e imaginação agem em conjunto, tecendo e compondo nossos acervos de imagens do urbano e do território sob a forma de representações. Estas são produzidas no campo das artes e rebatem a questão da identidade individual no coletivo urbano.

Esta questão é alimentada por Balibar, um estudioso da Paris multicultural e dos conflitos, que considera a identidade uma noção ampla e abstrata quase metafísica, adquirindo uma face concreta se colocada em relação com a de pertencimento (BALIBAR, 1998, *passim*). Claude Raffestin considera que o território é o espaço transformado pelo trabalho e pelo imaginário humano, resultando numa imagem. Quem que fitou uma vez os elementos visuais de um trecho do território, juntamente com elementos nascidos de sua introspecção não sentiu uma emoção particular? Quem não desejou fixar em sua memória uma peculiaridade do envólucro espaço-temporal da cidade que tinha diante de si? (RAFFESTIN, 2002, p. 9). O envólucro era concretizado nas imagens e, como escreveu Baudrillard, é justamente “o poder homicida da imagem (quem) assassina o real” (Idem, 2002, p. 13).

Uma cidade está inserida num trecho da natureza, ambiente natural e ambiental composto por elementos biológicos. Esse ambiente ao ser modificado pela ação humana, pela cultura material

humana, ele se tornará paisagem (DUBY; LARDREAU, 1989, p. 130). Nesse caso, um território agrário é uma função eminentemente gerada pela cultura. Talvez por isso é que a apreensão do território se dê mediante uma via de mão dupla: por seu aspecto físico e por sua função simbólica. Esse envólucro temporal, mais uma vez, se deixa perceber por meio de imagens fixadoras cuja representação e percepção ocorrem por meio dos referenciais cognitivos e simbólicos. No passado talvez a cidade com suas assimetrias de poder e de hierarquia produtiva, contribuisse para embrutecer a população componesa circunvizinha (CASTRO et al., 2003).

3. Cidade e território significado e comunicação

As cidades na longa duração desempenharam um papel importante na definição e categorização do território; associadas aos domínios da significação e da representação como construção social. As cidades são artefatos culturais e, como tal, públicos, pois, recordando C. Geertz, a cultura é pública porque sua significação o é (GEERTZ, 2001). A comunicação social teve na cidade, como um processo de longa duração, espaço essencial de ação e construção do real. E nesse ponto, poucos campos de saber são tão sensíveis à tecnologia e seus avanços e conquistas quanto à comunicação social. Ela se compromete com a vanguarda técnica, com o descarte da modernidade, da superação da modernidade. Nas sociedades de economia capitalista avançada surgiram os *mass-media*, em especial os norte-americanos.

Seu início se deu nos finais da primeira guerra mundial com a consolidação da sociedade de massa e de mecanismos de controle desta massa social. O poder, segundo Barbero, sentiu a necessidade de homogeneizar os processos comunicacionais, buscando reforçar o consenso

em torno do conflito. “Nesse momento se pode falar dos sistemas de gestão que implicam no controle efetivo dos meios, ou seja, da fusão da força econômica e do controle da informação, fabricação de imagens, chegando a ser a nova quintessência do poder nacional e internacional” (BARBERO, 1997, p. 53).

Michel de Certeau conceitua cidade e território nos domínios da representação, sendo a cidade lida, conhecida e representada como o domínio cognitivo do espaço e do território. A esse processo ele denomina de prática. A cidade é um espaço onde o poder pode ser exercido por meio de uma hegemonia representacional. Para isso ele emprega um sintagma que é uma linguagem composta por uma ordenação produzida por práticas cifradas, informacionais, gráficas. Os seus resultados são relatórios, tabelas, gráficos, censos, IPTU, planos de alinhamento, cadastros etc. Esse saber é legitimado, além disso, como um capital social e permanece guardado e é empregado pelo poder.

Ele vai além dessa tecnicidade superficial e explana a arma que é o conceito de “cidade”, as aspas são dele, que se aplica por intermédio do aparato discursivo utópico e urbanístico e que envolve três objetivos. O perímetro seria a criação de um “espaço próprio” onde a racionalidade abafa se não elimina as “poluições físicas, materiais ou políticas” que poderiam comprometê-la ou criar embaraços. Em seguida à produção de um cronotopo sem tempo, ou um sistema sincrônico destinado a aplainar as “resistências inapreensíveis e teimosas das tradições.” São formas de deshistoricizar a história, de criar “lapsos de visibilidade” ou ainda de tornar a história opaca. Finalmente, a criação de um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade como propõe o modernismo corbusiano, criando uma lógica exclusiva e racional impondo um funcionamento estrito, excluindo a riqueza das relações sociais.⁷

Por outro lado, Certeau fala do saber, da imaginação e afetividade de que são dotados os cidadãos comuns, os usuários da cidade. Ao denominá-los de praticantes, nosso filósofo atribui a esses indivíduos o dom de exercer uma mudança de sentido e mudança espacial sobre o território da cidade. Dotados de uma prática astuciosa, que lhes permite exercer “a fala dos passos perdidos”, ou seja o caminhar na cidade está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou os enunciados preferidos. Caminhar permite enunciar, apropriar-se, realizar, relacionar-se. A metáfora tem o condão, nos assegura Certeau, de atravessar e conectar lugares, de organizá-los. “São percursos de espaços.” Desta forma, o que se denomina de estruturas narrativas, adquirem o valor de “sintaxes espaciais”. E teremos igualmente sintaxes territoriais. Elas de certa maneira se refletem na noção de identidade do habitante. Para Balibar, identidade parece corresponder a um sentimento de pertencimento a um território e a uma cidade. Ela é uma forma de reportar a si mesmo aos demais, pois não existe identidade para um indivíduo isolado e sim como forma de se reconhecer enquanto integrante de uma comunidade, integrando um território físico e imaginário (BALIBAR, 1998, p. 114).

No campo teórico da produção dos mapas mentais e da representação o notório caso de Kevin Lynch, cuja obra datada de 1960 definiu a legibilidade da cidade ou seja, a facilidade com que as diferentes partes da cidade podem ser apreendidas ou lidas, porque são contínuas e organizadas segundo um esquema coerente. A capacidade de leitura ou de legibilidade é, segundo Roncayolo, não a percepção individualizada de Lynch, mas dentro de uma etno-história. Ou, ainda, uma crítica de ideologia, uma vez que ela reflete os comportamentos dos grupos sociais e da maneira como recebem e transmitem, sendo a cidade uma fábrica de aprendizagens e de atos sociais como a representação (RONCAYOLO, 1997, p. 177).

4. Cidade, história, sentido, representação

A cidade é dotada de uma história. Nos processos da longa duração, ela nasce, cresce, se consolida e desaparece em função da descartabilidade da vida humana, da ação do processo histórico e das forças sociais, dos conflitos políticos, dos conflitos sociais, das batalhas da técnica e das tecnologias. Com frequência suas celebrações reinstauram, celebram, dão forma a esta identidade. Uma cidade tem caráter contextual que reflete, em sua territorialidade, a formação social, o processo histórico e o território no ciberespaço. Se levamos em conta a assertiva de Rank, admitimos a indissolubilidade do mundo material e do ciber território levando a dimensão simbólica das cidades e de sua cultura a refletir as miragens das conexões (RENK, 2002, p. 59). Pensamos igualmente em considerar a cidade como um espaço-território, um lugar repleto de sentidos e trabalhado e modificado pelo esforço humano e para os homens (RAFFESTIN; CRIVELLI, 1992, p. 221).

Se a cidade hoje pode ser representada desde uma imagem dessas conexões em redes, historicamente ela foi abrigo, proteção, refúgio, comunicação, cenário da política e plataforma de cultura (ARGAN, 1998, p. 235). Pensar a cidade envolve não apenas a reflexão, mas igualmente a experiência, habilidades e sentimentos. A cidade foi uma poderosa ferramenta dos homens para viver coletivamente, para enriquecer, ela serve para alterar drasticamente o ambiente circundante e, finalmente, o ambiente urbano. A produção das artes se torna uma produção diversificada e tecnicamente flexível como integrante de seu sistema de símbolos.

Os sistemas simbólicos na conceitualização de Pierre Bourdieu são instrumentos de conhecimento e de comunicação, e que exercem “um poder estruturante” porque são estruturados. Esse poder permite construir a realidade que tenta estabele-

cer uma ordem gnosiológica, na direção de Durkheim ao determinar o conformismo lógico onde, agente e emissores estabelecem a concepção homogênea do tempo, do espaço, da causa do número e torna possível uma espécie de acordo consensual. Ou seja, a representação se torna um campo de batalha simbólico e a representação da cidade se passa dessa forma como uma forma de poder simbólico (BOURDIEU, 1989, p.10 e 11).

5. Cidade, território, cultura e identidade

O Rio de Janeiro deverá receber em 2014 e 2016 dois mega eventos nos quais se travou intenso debate a respeito de sua real eficácia. O resultado espetacular (no sentido debordiano do termo) do Pan Americano de 2007 demonstrou uma esteira de frustração e ambiguidade quando aos resultados. Embora tenha promovido uma discussão sobre os problemas da cidade o grande vencedor parece ter sido o setor imobiliário (MASCARENHAS, 2007, p.15). Essa quebra de confiança levanta uma suspeita inicial sobre o propalado “legado” da Copa de futebol e da Olimpíada para que não seja consolidado o modelo que para Mascarenhas é “excludente e segregador”. Como o ocorreu com outras cidades que abrigaram eventos bem sucedidos, não se pode parar nesses eventos de massa. Mas construir uma estrutura de eventos, espetáculos e celebrações baseados na própria história da cidade, na cultura que ela abriga. Mas não se deter apenas no Carnaval, já comercializado em excesso. Debateremos neste tópico a necessidade de explorar outras modalidades de celebração que possam contribuir para consolidar a identidade e a especificidade do Rio de Janeiro.

Minha ênfase na questão contexto é apenas exploratório sendo ele importante até porque, para o debate da cidade, deve-se pensar com as disciplinas das ciências sócias como fenômenos sociais embebi-

dos no contexto. Que contexto instrumentaria nosso debate? Como explica Kazupov, pode definir-se como um conjunto de alternativas compostas por restrições e habilitações cujos resultados podem levar os atores individuais ou coletividades a optarem estrategicamente por determinadas ações. O contexto implica na realização de um exercício de classificação do real em diferentes direções. Diferentes níveis de abstração podem se transformar em contextos para outros atores. O mesmo é verdadeiro para diferentes níveis territoriais e temporais. Dessa forma a entidade que denominamos estado nação e suas regiões são contextos para uma cidade como o Rio. Assim como o passado é o contexto para o presente (KAZUPOV, 2005, p. 6).

A importância da cidade no mundo todo como polo produtor e consumidor de cultura tem crescido substancialmente. A cultura se tornou o “petróleo” limpo de inúmeros países, sendo que suas cidades têm sido capazes de sediar de maneira completa eventos de natureza cultural imbricados com sua revitalização.

No Rio de Janeiro um processo de recomposição urbana certamente desencadearia um efeito favorável aumentando a sociabilidade e o autorrespeito urbano dos praticantes da cidade do Rio. Ampliando o emprego num surto multiplicador de oportunidades. Cidade conhecida como de extrema sociabilidade e boa disposição para com o outro, essas relações sociais embora tenham sido solapadas nas últimas décadas parecem ter voltado apenas das mazelas urbanas. É de se pensar se uma reconfiguração adequada do espaço da cidade não será capaz de trazer esses paradigmas novamente? Num artigo datado de 1993, Carr e outros autores recuperam o debate do urbano desde a polis grega:

in a well-designed and well-managed public space, the armor of daily life can be partially removed, allowing us to see

others as whole people. Seeing people different from oneself responding to the same setting in similar ways creates a temporary bond (1993, p. 334).

Inúmeros filósofos e pensadores têm acentuado a importância de uma cidade planejada ou, ao menos, bem ordenada, para acentuar o *link* existente entre o espaço público, a cultura cívica e a democracia política. Um espaço público, se organizado adequadamente às necessidades públicas, oferece lastro potencial para o desenvolvimento da comunicação social por nos permitir o potencial para a comunhão social, permitindo-nos elevar o olhar da rotina diária, e, como resultado, aumentar a nossa disposição e tolerância para com o outro (AMIN, 2008, p. 2).

Greg e Palmer assinalam que uma cidade que sinta desejo em se desenvolver na globalização terá de resistir ao impulso de permanecer estagnada. Como a nova gestão pactuada empurra a cidade para a competição criando resultados às vezes perversos, constitui um desafio supremo para a cidadania onde a sociabilidade e o desejo de preservar coletividades terá de superar o desejo de competir e vencer à qualquer preço. A cidade deve então procurar na sua própria história e espaços de sua história, como fazem os coreanos, energias criativas e mobilizar talentos, re-presentar seu presente, projetar seu futuro mediante a revalorização do passado.

As intensas pressões da globalização e da especulação territorial e de reestruturação econômica na busca de consolidar novas identidades urbanas cívicas empregam “estabelecimentos culturais e recursos culturais em uma tentativa de tornar-se distinta regenerando a fábrica urbana e criando novas matrizes de prosperidade social, econômica, cultural e política (GREG; PALMER, 2012, p. 2). Assim sendo a criação, a recepção e a promoção de eventos como festivais, shows,

exposições, celebrações, e campeonatos tornaram-se uma componente crítica do desenvolvimento estratégico urbano pelo mundo todo. Nenhuma cidade acredita ser tão pequena ou tão complexa que não possa ingressar na arena do planejamento e produzir eventos.

Algumas ingressaram num processo de “festivalização” competindo como Melbourne, Seul e Hong Kong para se apresentarem como as cidades dos eventos mundiais. Cada vez mais eventos culturais têm se tornado centrais no processo de revitalização e desenvolvimento urbano, e a produção cultural torna-se um essencial elemento da economia urbana e o consumo cultural pode ser dominante nas margens da cidade. Como assinala Strom, não se trata apenas de mega eventos ou de chamar arquitetos para construir (e cuja assinatura é um ícone). É mais do que isso, é investir na criação de uma atmosfera animada e um senso de lugar. Eventos tornam uma cidade *phasionable* e um lugar gostoso de se estar e viver.

Cidades na longa duração mantiveram ou perderam seus eventos tradicionais. Algumas como Londres (se não a própria Inglaterra) se obstinam em manter uma profusão delas. O Rio perdeu a maior das grandes celebrações coletivas a exceção do carnaval. Alguns dos rituais integravam o que Bourdieu denomina Capital simbólico objetivado, e destinava-se a reforçar as disposições rituais do poder, como a antiga “festa das canoas” celebrada desde a fundação da cidade, em 1567, mas esquecida nos finais do século XVII (ALVAREZ, 2000, p. 42). Alguns desses eventos na longa duração, ou herdados de tempos imemoriais ou ainda fabricados, tiveram de se adequar às novas normas do planejamento e desenho da cidade.

Para Therborn, essas celebrações possuem uma função de identidade nacional através de herança nacional partilha-

da (THERBORN, 2003, p. 35). As cidades devem criar espetáculos e eventos baseados em sua própria história, como a cidade de Leiden, na Holanda que comemora religiosamente a festa dos pães rememorando quando derrotaram os espanhóis em 1574. A constante ampliação da política dos eventos nos anos 1960, 1970 e 1980 pelo mundo, compeliu as cidades a uma mudança administrativa criada para licitar e gerir recursos, espaços e edificações dos calendários de eventos.

Palavras finais

As cidades ingressam no século XXI com a potência arrasadora de um cataclismo condenando a humanidade a ser totalmente urbana ao término do século XXI se as “expectativas não se reverterem”. Como bem assinala Harvey, as cidades desde a década de 1960 têm se esforçado por se ajustar-se às complexidades da nova economia e do empresariamento urbano, gestão urbana e dos empoderamentos. A cidade moderna sofreu os efeitos perversos da extrema redução da ajuda recebida por parte dos poderes centrais; nos EUA ela foi causada pelo colapso do comunismo na Europa oriental; enquanto isso, no resto do mundo, e em especial na América Latina, vigoram os efeitos perversos da pauperização do estado e da instabilidade política nos anos 1990 (HARVEY, 1989, p. 364-365). Os desafios são inclusive de gestão, que devem deixar os paradigmas anteriores vindos do século XIX e criar novos pactos, novos processos. A cidade deve comprometer-se cada vez mais com a produção e o consumo cultural. Uma cidade de eventos e intensa vida cívica, econômica e social como Rotterdam, desenvolveu estruturas administrativas conectadas com a expansão da produção e consumo cultural. Os processos de gentrificação e de especulação do solo urbano atraem residentes abastados ao centro das cidades de inúmeros países do mundo enquanto que, no Rio

de Janeiro, há uma proibição legal de abrigar que deve ser suspensa urgentemente⁸.

A cidade do Rio de Janeiro tem diante de si dois desafios aos quais cabe vencer com inteligência e desprendimento. A Copa do mundo e a Olimpíada podem sepultar de vez nossas esperanças diante da posse do nosso aparato gestor por segmentos, por entidades não representativas, por aventureiros. Ao lado de um grande crescimento de novas maneiras de gerir a cultura, novas estratégias elaboradas na parceria entre o poder público, ONGs, comunidades e empresas; surgem em nossas periferias novos espaços e políticas culturais como as dezenas de TCC realizados pelos alunos do Curso de Produção Cultural da UFF bem demonstram. Precisamos, porém, ver a cidade como um todo e não como nosso terreno de caça empresarial ou ideológico.

O fugaz debate sobre o viaduto que obscurece e nubla o centro do Rio dá uma amostra. Os que se posicionam contra a demolição parecem esquecer que um viaduto que facilita suas vidas é uma nódoa a ser removida. Talvez as autoridades municipais cariocas, mais preocupadas em “responder à altura” enveredassem por postura mais esclarecedora e didática publicando uma extensa matéria sobre a cidade de Boston. Essa campeã dos engarrafamentos nos EUA, nessa América movida a automóveis, nos anos 1996 levou sua população e autoridades municipais a debater e implementar um conjunto de decisões que desembocaram no projeto denominado The Big Dig. Todos os viadutos que a cobriam foram demolidos e transformados em túneis. Aperfeiçoou seu sistema de transporte público e o tornou ainda mais eficaz (Verbete da Wikipedia). Boston hoje é uma das cidades dos EUA com melhores índices de qualidade de vida. Arejada, limpa e bonita. E é uma cidade bem mais nova do que o Rio de Janeiro com seus quase quinhentos anos de vida.

Bibliografia:

ALVAREZ, J. M. S. Muita gente junta na praça. Traçados urbanos e arquiteturas no Rio de Janeiro colonial (1565-1713). Tese de doutoramento elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, orientada pela prof^a Dr^a Lana Lage da Gama Lima em 1º de janeiro de 2000.

AMIN, Ash. Collective culture and urban public space. City, vol. 12, nº. 1, abril 2008. ISSN 1360-4813 print/ISSN 1470-3629 online/08/010005-20 © 2008 Taylor&FrancisDOI:10.1080/13604810801933495. Acesso em 05/12/2012

ARANTES, O. ; VAINER, C. ;MARICATO, E. Cidade do pensamento único. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte como história da Cidade. 4a ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

ARRIGHI, Giovanni. O longo século XX. Dinheiro, poder, as origens do nosso tempo. São Paulo: Contraponto ; Editora Unesp, 2000.

BALIBAR, Étienne. Droit de Cite. Culture et politique em démocratie. Paris: L'Aube, 1998.

BARBERO, J. Martin. Travessias latino-americanas da comunicação da Cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BAUDILLARD, Jean. Screened out. London: Verso, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2009.

BELL, Daniel. The cultural contradictions of the capitalism. Pennsylvania University States, Torch Books, 1978.

BORJA, Jordi ; CASTELLS, Manuel. Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información. 6ª edición. Madrid: Santillana ediciones, 2001.

BOYLE, Kevin. The ruins of Detroit: exploring the urban crisis, in the motor city. In: Michigan historic Review, Spring, 2001.

CASTELLS, Manuel. Informational technology and global capitalism. In: GIDDENS, Anthony ; HUTTON, Will. Global Capitalism. New York: The New Press, 2000.

CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. vol. I. 8ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CASTRO MARTINEZ, Pedro V. et al. Que és una ciudad? Aportaciones para su definición, desde la prehistoria. In: Scripta Nova, Revista Eletrônica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B.21.741-98, vol.VII, 146 (010), 1 de agosto de 2003.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. Uma arte do fazer. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

CHELENBOURG, Christian ; MEITINGER, Serge (org.). Écritures de la ville. Paris: Éditions Kime, 2006.

DUARTE, Fábio ; ULTRAMARI, Clovis. Inflexões urbanas e cidades globais: evidências e hierarquias (1). In: Arqutextos, Vitruvius, Ano 8 Novembro de 2007.

DUBY, G. ; LARDREAU, G. Diálogos sobre a Nova História. Lisboa: D. Quixote, 1989.

FERREIRA, Álvaro. O projeto de revitalização da zona portuária do Rio de Janeiro: os atores sociais e a produção do espaço urbano. In: Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2010, vol. XIV, nº 331 (31). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-331/sn-331-31.htm>>. [ISSN: 1138-9788].

FURQUIN, Evelyn ; MALEQUE, Miria Roseira. Espaço e Cidade. Conceitos e leituras. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2007.

GANAU, Joan. El papel de la cultura em el cambio econômico y La promoción de ciudades. El caso de Philadelphia. In: Scripta Nova, Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales. Universidad de Barcelona vol. IX, numero 245, 1 de agosto de 2007.

GREG Richards ; PALMER, Robert. Eventful cities. Routledge, 2012.

HALL, Stuart ; JEFFERSON, Tony. 2006. Resistance through rituals, youth subcultures in post-war Britain. Routledge, 2012.

HARVEY, David. The urban experience. John Hopkins University Press, 1989,

HONG, Sharon. Seoul, a Korean Capital. In: PERE-

RA, Nihal ; WING, Sing-Tang. Transforming Asian cities, intelectual impasse, asianizing space and emerging translocalities. Abingdon: Routledge, 2013.

KAZUPOV, Y. Cities of Europe: Changing contexts, local arrangement and the challenge to urban cohesion. Malden: Blackwell Publishing, 2005.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Lisboa: Livraria Martins Fontes, SD.

MASCARENHAS, Jorge. Mega-eventos esportivos, desenvolvimento urbano e cidadania: uma análise da gestão da cidade do Rio de Janeiro por ocasião dos Jogos Pan-Americanos - 2007. In: Scripta Nova Revista Electrónica de Geographia y Ciências Sociales, Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98. Vol. XI, núm. 245 (13), 1 de agosto de 2007. [Nueva serie de Geo Crítica. Cuadernos Críticos de Geografía Humana] Número extraordinario dedicado al IX Coloquio de Geocritica.

MILLESPOUGH, Martin L. Waterfronts as catalysts for city renewal. In: MARSHALL, Richard. Waterfronts in Post Industrial Cities. London: Spoon Press, 2001.

PINTO, Georges José. Planejamento estratégico e city marketing: a nova face das cidades no final do século XX. In: Revista Caminhos de Geografia, V. 2, julho de 2001, disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/issue/view/736>

RAFFESTIN, Claude ; CRIVELLI, M. Ruggero. Blanche Neige et les Sept Nains ou la transformation des Alpes en patrimoine commun. In: Revue de géographie alpine. 1992, Tome 80 N°4. pp. 213-227.

RONCAYOLO, Marcel. La ville et ses territoires. Paris: Folio Essais, 1997.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec 1994.

SASSEN, Saskia. The global city. 2ª Edition. Princeton: Princeton University Press, 2001.

SOMEKH, Nadia ; CAMPOS, Candido Malta Neto. Desenvolvimento local e projetos urbanos (rodapé p. 10) In: Revista Vitruvius, Arqutextos, abril 2005. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/05.059/470>.

THERBORN, G. Dimensions and Processes of Global Inequalities, paper presented at the XV Congress of Sociology. Brisbane, July, 2002, p. 8-13.

Fontes:

- Jornal O Globo, dia 28/06/2012.

- *State of World Population 2007 - unleashing the potential of urban growth*, divulgado pelo Fundo da População da ONU (UNFPA).

¹ Professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia e da Pós-graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense.

² CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.44.

³ Duarte e Ultramari, 2007, “Os parâmetros usados pelos principais analistas das Cidades Globais são: presença dos principais bancos internacionais, empresas de serviços financeiros, empresas de publicidade, e sedes de corporações internacionais. Esses quatro parâmetros parecem buscar um dado de difícil mensuração, que é o volume financeiro ligado ao mercado global que circula entre as cidades. Porém, eles são mais ricos do que o dado bruto do fluxo financeiro, pois refletem uma dinâmica socioeconômica urbana mais ampla, envolvendo diferentes áreas de atuação do mercado global”.

⁴ Somekh & Campos, 2005, “Nesses projetos, o risco de potencializar os efeitos excludentes da urbanização contemporânea, que caracteriza os grandes projetos urbanos estratégicos das últimas duas décadas, coloca em questão a capacidade e as limitações do poder local no quadro da globalização. Soluções efetivas para os problemas urbanos dependem hoje do envolvimento dos atores locais, da sociedade civil e de diversas esferas governamentais, na busca de novas formas de gestão e da capacidade de governança”.

⁵ Idem, Entre as jogadas estratégicas adotadas pelos governos locais, logo se destacaram os projetos de renovação urbana. Grandes portos, como Boston, Baltimore, Gênova, Barcelona, Dunquerque e Rotterdam, que assistiram ao esvaziamento de antigas instalações portuárias situadas em zonas relativamente privilegia-

das, estavam entre as primeiras cidades a vislumbrar o potencial urbanístico e imobiliário dessas áreas. O mesmo ocorreu em metrópoles globais como Londres, Nova York e Buenos Aires. A visão estratégica salientou a possibilidade de aproveitar essas oportunidades de renovação para a implementação de projetos que combinassem atratividade para eventuais investidores, alta visibilidade e atividades afinadas com tendências econômicas emergentes, concentradas no setor terciário e nos serviços especializados – escritórios, lazer, turismo, gastronomia, esporte, alta tecnologia e assim por diante.

⁶ Ferreira, 2010, “Para a implementação desses projetos, o city marketing cumpre importante papel, pois como lembra o geógrafo Georges José Pinto (2001, p. 21), “é uma promoção da cidade que objetiva atingir os seus próprios habitantes bem como os possíveis e eventuais investidores, que busca a construção de uma nova imagem de cidade, dotada de um forte impacto social”. Trata-se da espetacularização da cidade e para tanto, projetos com nomes impactantes são importantes: Favela-Bairro, Rio-Cidade e Porto Maravilha são exemplos para o caso do Rio de Janeiro. Certamente, por trás desses projetos há articulações de diversos grupos econômicos, visto que as transformações nas cidades envolvem atores sociais ligados aos setores imobiliário, de transportes, de turismo, de construtoras e de prestadoras de serviços de modo geral. Por tudo isso, o Rio de Janeiro tem se tornado cada vez mais uma mercadoria, um objeto a ser negociado em um mercado competitivo, o que autoriza o professor de planejamento urbano e regional Carlos Vainer (2000) a afirmar que houve uma transposição do modelo estratégico do mundo das empresas para o universo urbano”.

⁷ Citado por G. Rodriguez: 2005, “Esta clasificación es, a decir verdad, un programa de urbanismo. Su objetivación en la práctica significa comenzar a depurar las grandes ciudades. ... Porque éstas se encuentran a causa de su crecimiento precipitado, en medio del más espantoso caos: todo se confunde en ellas. ... Esta clasificación ... invita a unas medidas de orden ...” (Le Corbusier, recogido de “El arte decorativo...”, cit. en Choay 1983, p. 289/290).

⁸ Achamos excelente, clara e apropriada a definição elaboradas por Evelyn Furquim e Maleque em seu livro Espaço e cidade. Na página P.30 se lê que gentrificação numa cidade corresponde “a definição de fronteiras de classe por meio da intervenção espacial”.

Contato:
- saldanhaalvarez@hotmail.com